

# Análise de preços agrícolas

Antônio Salazar P. Brandão<sup>1</sup>  
Eliseu Alves<sup>2</sup>

Recentemente, muitos analistas vêm se dedicando a examinar o crescimento dos preços de *commodities*. A Tabela 1 mostra que tem havido aumentos de preços expressivos para *commodities* agrícolas. Entre 2004 e 2007, o preço do trigo aumentou 48 %, o do milho 33 % e o do arroz 23 %. A soja – que já estava com preços elevados em 2004 – subiu mais 4 %. Os óleos vegetais, a soja e a palma, também mostraram aumentos importantes: 23 % e 50 %, respectivamente, entre 2004 e 2007. O açúcar atingiu o preço mais elevado em 2006, mas continua com seu preço 20 % acima do valor alcançado em 2004.

Entretanto, alguns preços permaneceram estáveis ou caíram, como são os casos das carnes e do farelo de soja.

Apesar dos aumentos expressivos notados para muitos produtos agrícolas, nenhum deles é superior à variação do Índice Geral de Preços de Commodities (IGPC) calculado pelo FMI, mostrado na última coluna da tabela, que inclui os combustíveis e os metais, além dos produtos agrícolas. Conclui-se que o crescimento dos preços agrícolas, ainda que expressivo, não está descolado do comportamento das demais *commodities*.

Por um lado, o fenômeno se deve ao crescimento da economia mundial nos últimos anos, que impulsionou a demanda por todas as *commodities*. Ressalte-se, também, o comportamento da China com compras substanciais de diversos produtos. Por outro lado, fatores específicos também influenciaram o comportamento dos preços agrícolas. Problemas climáticos provocaram

**Tabela 1.** Preços reais de produtos agrícolas selecionados e índice geral de preços de *commodities*.

Ano Unidade	Arroz US\$/t	Milho US\$/t	Soja US\$/t	Trigo US\$/t	Óleo de soja US\$/t	Óleo de palma US\$/t
2004	254	116	287	162	611	450
2005	288	98	223	152	496	368
2006	294	118	211	186	534	404
2007	313	154	298	240	752	676

  

Ano Unidade	Carne bovina UScents/libra	Carne suína UScents/libra	Carne de frango UScents/libra	Farelo de soja UScents/libra	Açúcar UScents/libra	Índice geral <sup>(*)</sup> 2005 = 100
2004	118	73	78	266	8	83
2005	119	68	74	206	10	100
2006	112	62	67	188	14	117
2007	111	60	74	248	9	127

(\*) Inclui todas as *commodities*.  
Fonte: Deflacionado pelo autor.

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>2</sup> Assessor do diretor-presidente e pesquisador da Embrapa.

quebras na safra de trigo nas principais regiões produtoras. Em grande parte, demanda crescente e estoques baixos explicam o comportamento do preço do arroz. Analogamente, o aumento da demanda para produção de bioenergia justifica os aumentos observados nos preços dos óleos de palma e de soja, bem como no do milho. Os dois primeiros são matérias-primas para produção de biodiesel e o milho é a principal matéria-prima usada na produção de etanol nos Estados Unidos.

O estímulo para a demanda por bioenergia advém da tendência crescente dos preços do petróleo, bem como da mobilização mundial para redução da emissão de gases causadores de aquecimento global. Cana-de-açúcar, milho, óleos (de palma, de soja e de canola) estão entre as matérias-primas usadas na produção de etanol e de biodiesel. O óleo de canola, cujas cotações de preços não estão disponíveis na fonte aqui citada, também vem apresentando alta em seus preços.

Apesar da crescente demanda mundial por etanol, seu preço – que não aparece na tabela acima – não apresentou elevação tão forte quando das outras commodities agrícolas usadas na produção de biocombustíveis. Nem mesmo o açúcar, que, no Brasil, compete com o etanol por cana-de-açúcar, apresenta comportamento diferente de seu padrão histórico. O menor crescimento do preço do etanol está associado ao fato de que há uma expressiva expansão da produção de cana-de-açúcar, que, além disso, essa expansão não ocorre em áreas de produção de grãos, mas principalmente em áreas de pastagens, principalmente aquelas com baixo nível de utilização. Ao mesmo tempo, no Brasil, a pecuária está se modernizando e usando menores quantidades de terra por unidade produzida.

Já nos Estados Unidos, a expansão da produção de milho se faz à custa de áreas ocupadas com outros grãos, em especial a soja. Lá, o custo de oportunidade da terra é mais alto do que no Brasil, simplesmente porque aquele país tem menos áreas novas, ou com produtividade da terra muito baixa, para explorar. Os elevados investimentos que fizemos no setor sucroalcooleiro

estão garantindo a expansão da produção de etanol, sem avançar nas áreas ocupadas com grãos.

Os países europeus também têm severas limitações de terra para expandir a produção de matérias-primas usadas para biodiesel.

É interessante ainda observar que o preço das carnes mantém-se com pequena tendência de queda. Pode-se argumentar que, se por um lado, a crescente produtividade desse segmento no Brasil está contribuindo para isso, por outro lado, o farelo de soja – importante insumo para o setor – apresentou substancial queda de preço até 2006. Apesar de ter apresentado alguma recuperação em 2007, a queda do preço poderá perdurar. Isso ocorrerá a despeito do aumento do preço da soja, pois o maior consumo do óleo para fins energéticos deve induzir esmagamento do grão acima do crescimento da demanda por farelo advinda da produção de carnes. Como o óleo e o farelo são produzidos conjuntamente, é bem provável que os preços deste possam cair.

Será que os preços dos grãos vão continuar nesses patamares mais elevados ou vão diminuir? Como a volatilidade dos mercados é elevada, certamente irão ocorrer períodos de preços baixos. O desaquecimento da economia mundial poderia vir a provocar queda de preços neste ano e no próximo.

Entretanto, é importante distinguir entre variações cíclicas dos preços e sua tendência. Em relação a esta última, existem elementos que apontam no sentido de elevação. Os principais deles são:

- A crescente demanda mundial por bioenergia.
- Disponibilidade relativamente pequena de terras para expansão da agricultura no mundo.
- O número crescente de restrições de natureza ambiental para que o solo seja usado na produção agrícola.

O efeito conjunto desses três itens poderá manter os preços ao longo de uma tendência

crescente, em termo dos respectivos produtos, mas não em termos do IPGC.

Entretanto, não pode ser ignorado o fato de que existem elementos que continuarão pressionando os preços ao longo de uma tendência de queda. As descobertas e a geração de tecnologias guiadas pela ciência têm provocado o crescimento da produtividade da terra, que é um fator dominante para explicar o crescimento da oferta. À medida que a *Revolução Verde* se difundiu em todo mundo, a oferta de alimentos, fibras e energéticos se expandiu a taxas mais elevadas que a demanda, sendo isso responsável pela tendência declinante do preço.

Esses elementos ainda estão atuando e novas tecnologias capazes de sustentarem o crescimento da oferta vão surgir. Quando os preços são favoráveis, expande-se a produção com o uso de mais insumos modernos, como fertilizantes e defensivos, terras em pousio retornam à produção e aperta-se a supervisão em todas as fases do ciclo produtivo. Em seguida, costumam entrar em cena tecnologias que se mostraram pouco lucrativas no passado, e que, quase sempre, têm grande poder de expandir a produção. Ainda, os cientistas são estimulados a terminarem mais rapidamente os projetos em andamento e a se aventurarem em assuntos mais difíceis. Tudo isso, mais o apetite de lucro dos agricultores, estimulado por preços elevados, contribui para a oferta crescer.

Raul Prebisch, economista argentino que viveu entre 1901 e 1986, argumentou em diversos

trabalhos, a maioria deles escritos entre 1940 e 1970, que haveria uma tendência para os preços dos produtos agrícolas declinarem relativamente ao preço das manufaturas. Quando Prebisch escreveu seus trabalhos não existiam restrições ambientais significativas ao uso do solo e não havia demanda por matérias-primas agrícolas com fins de produção de energia. Inúmeros testes estatísticos foram feitos para verificar a validade da hipótese e a maioria deles rejeitou a existência de uma tendência decrescente<sup>3</sup>. Contudo, nenhum trabalho mostrou uma tendência crescente dos preços agrícolas.

Os fatos ocorridos nos últimos anos indicam que há novas forças poderosas impulsionando os preços para cima e é bem provável que elas superem os efeitos baixistas que estiveram à frente da dinâmica dos preços no século passado. Ainda há um elemento novo na demanda de combustíveis: ela não está sujeita aos limites do estômago, e, sendo assim, a elasticidade renda não converge para zero com o incremento da renda. Contudo, a história tem demonstrado a enorme capacidade da ciência de fazer a oferta crescer mais que a demanda. As lições do passado vão prevalecer em face das restrições que pesam sobre a expansão da fronteira agrícola? Ou, ainda, as restrições ambientais vão resistir ao aumento dos preços dos alimentos? A saída confortável, sem conflitos com as tendências preservacionistas modernas, é investir mais em ciência e tecnologia, principalmente em engenharia genética, investir no agricultor e em infra-estrutura.

<sup>3</sup> Uma resenha recente sobre a hipótese de Prebisch e uma atualização dos testes para os termos de troca no Brasil pode ser encontrada em Brandão, Antônio Salazar P. *The terms of trade: the debate revisited again: the case of Brazil*, trabalho apresentado no simpósio *Towards Global Food and Agricultural Policy for an Open International Economy*, realizado em homenagem ao Prof. G. Edward Schuh, Minneapolis, 2 de maio de 2007.